

O MODERNO **JÁ** PASSADO | O PASSADO **NO** MODERNO
reciclagem , requalificação , rearquitetura

ANAIS DO III SEMINÁRIO PROJETAR

porto alegre , 24 a 26 de outubro de 2007

Dom-ino na favela, ou a forma do informal.

Fernando Luiz Lara

University of Michigan

Arquiteto pela UFMG, PhD pela U of Michigan

2000 Bonisteel blvd, Ann Arbor, MI, 48109, EUA

fone: 1-734-763 4584

fax: 1-734-763 2322

e-mail: ferlara@umich.edu

Dom-ino na favela, ou a forma do informal.

Resumo:

A idéia de re-arquitetura e re-qualificação trás a tona a antiga mas ainda bastante atual pergunta de Carlos Nelson Ferreira dos Santos: como incorporar na equação do urbanismo e da arquitetura os milhões de edifícios ditos “informais” que formam a grande maioria das nossas cidades? Me parece que qualquer discussão abrangente sobre re-qualificação dos espaços existentes precisa necessariamente incluir a porção não-projetada da cidade. Mas como discutir estratégias de intervenção e re-uso se tampouco sabemos como enquadrar tais estruturas no processo tradicional de projeto? De que forma pode o estudo do projeto ser útil ao entendimento dos espaços não-projetados?

Este artigo busca entender a lógica geradora dos espaços ditos “informais” de maneira a contribuir para um possível dialogo entre o formal e o informal. Partindo do principio de que existe sim uma lógica projetiva na cidade informal, embora significativamente distinta da lógica do projeto tradicional, este trabalho pretende fazer colidir as duas lógicas distintas em busca de um denominador comum que permita a contaminação de um pelo outro.

De todas as definições das palavras formal e informal a mais desafiadora para arquitetura é a idéia de formal como algo que tem a aparência mas não a substância. Enquanto o formal diz respeito a ordem aparente, o informal se refere à aparente desordem. Ao contrário desta insuficiente definição de informal, este trabalho propõe examinar a lógica forma da cidade dita informal não pela sua aparente desorganização mas sim pela sua substantiva ordem baseada na necessidade e disponibilidade de matéria e espaço apesar da ausência de desenho.

Dados do IBGE (PNAD, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicilio e Censo 2000) revelam que já estamos perto de 50 milhões de domicílios dos quais pelo menos a metade são resultado da construção dita informal, ou seja, não resultante de um projeto, por mais simplificado que seja. Se metade (ou mais) dos espaços existentes no Brasil não foram edificados seguindo nenhuma forma de desenho, de que maneira deveriam o ensino e a pesquisa em projeto abordarem esta outra lógica construtiva?

O presente trabalho parte então do diagrama Dom-ino como se fora um DNA comum tanto as edificações ditas formais quanto às informais de forma a buscar entender as distintas (ou nem tanto) lógicas projetuais das duas metades do ambiente construído no Brasil.

Abstract:

The ideas of re-architecture and re-qualification bring back to the surface the old but still current argument of Carlos Nelson Ferreira dos Santos: How should we incorporate in the urban equation the millions of “informal” buildings that makes the majority of our cities?

I believe that any debate about re-qualification should necessarily include the non-designed portions of the city. But how can we discuss intervention strategies if we do not know yet how to frame such structures in the traditional processes of design? How can our design processes be used to the understanding of spaces which were not designed in the traditional sense?

This paper aims at understanding the generative logic behind those “informal” spaces, hoping to contribute for a possible dialogue between the formal and the informal. Departing from the idea that there is indeed a logic behind the informal city, although significantly different from our traditional design process, this article intends to do to collide both logics in search of a common denominator.

Palavras chave: dom-ino, favelas, cidade informal

Dom-ino na favela, ou a forma do informal.

Ao chegar em qualquer cidade grande de um país em desenvolvimento percebe-se imediatamente a natureza informal do tecido urbano. A cidade se espalha sobre o terreno, um oceano de telhados cujos materiais mudam de país para país cobrindo construções muito parecidas. De longe parece orgânico e tão informal quanto a economia das ruas. O grau de informalidade parece ter uma relação inversa com o PIB per-capita ou índices de desenvolvimento. Quanto mais pobre mais informal, pelo menos a primeira vista.

Mas basta olhar mais de perto para perceber a lógica por trás do empilhamento ou ajuntamento de volumes no espaço. Cada um foi cm certeza construído sem o que chamamos de projeto na concepção formal do termo. Mas nem por isso é menos lógico que os edifícios projetados por arquitetos, revelando sim uma lógica diferente.

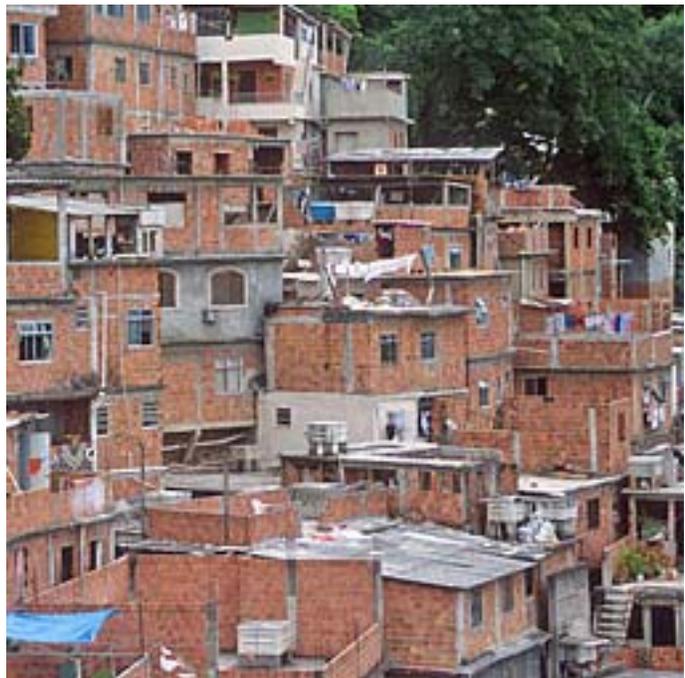


Fig 1. A famosa informalidade da favela

O caso brasileiro

Aqui tudo parece que ainda é construção e já é ruína.

Caetano Veloso, Fora da ordem, 1991.

Neste sentido, Brasil é um caso exemplar. Um país rico mas extremamente desigual onde a renda dos 10% mais ricos é 28 vezes isso dos 40% mais pobres (BARROS, 1991) e que se inscreveu na história da arquitetura do século 20 com inúmeros edifícios elegantes projetados pela geração excepcional de Costa, Niemeyer, Reidy, Mindlin e Artigas entre tantos outros.

No entanto, a persistente desigualdade que foi objeto da grande maioria das políticas públicas nos últimos 50 anos se faz evidente para todos os que tentam entender a lógica espacial de sua sociedade. Para os estrangeiros esta lógica se faz visível até mesmo antes da chegada já que no entorno dos principais aeroportos principal vê-se o tecido infinito de paredes de tijolo sem reboco cobertas por lajes ou telhados de lata, um atestado do grau de informalidade do ambiente construído no Brasil. Para nós brasileiros, esta informalidade é parte da rotina de todos, tanto da maioria que vive nesses ambientes quanto da minoria que passa por ali entre um condomínio e outro.

Este artigo investiga tais espaços construídos ditos “informais” buscando entender a lógica por trás destas estruturas: a forma do informal.

Graus de informalidade:

Para entender as características formais da construção dita informal, é importante partir do entendimento de que as cidades brasileiras não são organizadas de acordo com sistema binário formal/informal mas sim de acordo com um gradiente de informalidade que varia de acordo com variáveis diversas.

Mesmo nas áreas mais ricas nas quais o mercado imobiliário se preocupa com o registro formal da edificação encontram-se pequenas informalidades como uma varanda

fechada, uma cobertura ampliada sem autorização ou uma ligação irregular de esgoto na rede pluvial.

E uma vez que passamos aos bairros da classe trabalhadora a informalidade é onipresente. Inexistem projetos aprovados pela municipalidade o que impede o correto registro no cartório de imóveis e gera escrituras irregulares e portanto frágeis perante a lei. E à exceção das áreas de rápida valorização, é muito pequeno o incentivo para se fazer tudo de acordo com as leis o que implica o pagamento de impostos e taxas apropriados.

Percebe-se ainda que a maioria da população não conhece o modo apropriado de registrar suas propriedades. E muito embora tal direito quase nunca é questionado enquanto os donos viverem no imóvel, pode se tornar um pesadelo nos casos de herança e/ou separação. No caso de divórcio, a falta de títulos adequados de propriedade pode ser extremamente lesivo às mulheres (e suas crianças) que tem menos informação sobre as finanças da família.

A obediência a códigos de obra e posturas varia também de cidade para cidade. Na periferia do Recife, por exemplo, Amorim e Loureiro (2002) documentaram dezenas de edifícios nos quais os proprietários construíram cercas ao redor de vagas de garagem no pilotis ou ainda terraços e escadas que conectam as unidades do primeiro pavimento diretamente às ruas.

O grau de informalidade poderia então ser associado ao grau de vulnerabilidade social ou até que ponto a população residente é marginalizada e “informatizada” em todas as dimensões da vida em sociedade.

O clímax da informalidade: favelas e loteamentos

Nascidas de um processo de ocupação ilegal de terrenos vizinhos à cidade formal, as favelas manifestam o grau mais alto de informalidade. Na borda externa das cidades, na fronteira da expansão urbana, loteamentos voltados a população de baixa renda tem quase o mesmo grau de informalidade que as favelas exceto algum documento de propriedade. Mas na maioria das vezes a legalidade termina neste documento. A infraestrutura de água e esgoto que deveria ter sido implantada antes da ocupação é

incompleta ou inexistente, aumentando a pressão sobre o poder público para que forneça tais serviços.

Assim sendo, em termos de infra-estrutura e amenidades, é muito pequena a diferença entre favelas e loteamentos da periferia. A distinção, na maioria das vezes, é de ordem formal uma vez que a linha reta das ruas do loteamento contrasta com formato irregular dos becos das favelas. Esta diferença no grid das ruas faz com que os loteamentos pareçam menos informais que as favelas, enquanto que a realidade não se traduz em uma diferença na qualidade do espaço construído.

Os materiais usados são os mesmos: o tijolo furado sem reboco na face externa, as lajes pré-fabricadas (cada vez mais usadas em detrimento das lajes fundidas em razão do preço da fôrma), as telhas de amianto ou zinco. Os moradores também são quase os mesmos: pedreiros, caixas de supermercado, trocadores de ônibus, faxineiros, com renda média de dois a três salários mínimos. O nível educacional dos moradores tanto da favela quanto dos loteamentos de periferia é o mesmo: os 40% mais pobres no Brasil tem em média apenas 5 anos de educação formal.

Fontes formais

O exercício de pensar a organização formal desses edifícios informais requer antes de mais nada o entendimento de um componente importante que: a diminuição radical do ato projetivo como conhecemos, substituídos por outros processos de planejamento estranhos à prática da arquitetura. Neste artigo defendo a idéia de que esta mudança no processo que antecipa o ato de construir precisa ser estudada a fundo se quisermos mesmo exercer qualquer tipo de influencia benigna nestes espaços que compõem na verdade a maioria do nosso tecido urbano brasileiro.

Vejamos então quais são as principais características deste outro processo de projeto dito "informal". A ausência de um conjunto de desenhos que antecipe detalhadamente o objeto final e as etapas da construção não quer dizer ausência de desenho ou de planejamento. Nas construções ditas informais é muito comum encontrar um desenho bem simples, um rascunho de formas e dimensões básicas que serve para calcular os custos do trabalho e dos materiais. As principais diferenças neste ponto são o fato de que este desenho quase nunca sobrevive, nem fisicamente (se perdendo como um

pedaço de papel sem valor) nem especialmente, tantas são as modificações posteriores ao início dos trabalhos. Mas da mesma forma que um croquis é um plano de trabalho com elevado grau de indeterminação, o rascunho feito pelo mestre de obras ou pelo próprio cliente também o é. Este plano muito rudimentar ou indeterminado apesar de conter medidas básicas é então usado como ordenador para a execução das fundações.

Dali em diante todas as etapas da construção seguem as dimensões do que já foi construído, num processo tão flexível a que dá a impressão de que o desenho é realmente dispensável. Mas a verdade é que nem o desenho é dispensável e nem o processo informal é tão diferente assim da arquitetura propriamente dita. Basta notar que em qualquer prancha de projeto executivo consta a seguinte advertência: conferir as dimensões na obra, indicando que não se pode confiar cegamente naquele documento, que ele também tem um grau significativo de indeterminação.

O que ocorre no processo dito informal é que as decisões construtivas (e conseqüentemente o arranjo espacial final) são tomadas uma a uma com o decorrer da obra de forma a reduzir em pequenos pedaços um processo complexo demais para qualquer mente, mesmo as mais treinadas.

Se no processo de projeto nos valem de desenhos cada vez mais complexos para apoiar decisões pontuais mas que tem um impacto em todas as outras dimensões do objeto, na construção informal estas decisões pontuais e suas implicações econômicas acabam por guiar todo o processo. A diferença é que o grau de indeterminação do projeto no papel nos permite testar algumas variantes e decidir pela que nos parece melhor. No processo de construção informal não existe espaço para tais variantes e as decisões são tomadas diariamente levando-se em conta o que foi feito na etapa anterior.

Por exemplo, depois de lançados os alicerces está automaticamente determinada a localização das paredes, restando definir as aberturas. Acontece que a industrialização dos componentes da construção gera tal padronização (janelas metálicas de 100 x 120 cm e portas de 70 x 210 cm) que a única decisão a ser tomada diz respeito à localização destas aberturas. Pouca ou nenhuma consideração é dada a orientação solar ou estratégias de ventilação, gerando espaços extremamente desconfortáveis no trópico úmido. O processo decisório informal quase sempre também ignora o futuro layout dos espaços, sendo muito comum encontrarmos por exemplo uma sala de jantar

com as portas localizadas de tal maneira que uma mesa não pode ser colocada corretamente apesar da área ser mais que suficiente.

Na ausência um desenho detalhado antes de se iniciar os trabalhos das fundações, o principal gerador formal desses espaços passa a ser a escolha do sistema estrutural. Na absoluta maioria dos casos encontramos uma fundação em bloco de concreto com armação no baldrame, colunas e vigas em concreto armado e uma laje pré-fabricada por cima de tudo.

A semelhança com sistema Dom-ino de Le Corbusier não é mera coincidência. Os procedimentos de armação e fundição do concreto são conhecidos por qualquer operário da construção civil no Brasil e este processo de disseminação será tratado mais a frente neste artigo. Antes disto, consideremos a forma induzida por este sistema: os espaços entre as colunas oscila entre 3 a 4 metros dando ritmo muito parecido aos volumes. Dados das Nações Unidas nos dizem que o tamanho médio de uma residência no Rio de Janeiro é 62 metros quadrados (ANGEL, 2002), coincidindo com as dimensões de 7 x 9 metros, o que por sua vez coincide com 6 baías (vãos) de 3,5 x 3 metros cada. É claro que estas dimensões são reduções arbitrárias para efeito apenas analítico uma vez que são inúmeras as variações de planta e grid estruturais, cada construção sendo única pelo próprio processo. Além disto, existe ainda uma enorme variação provocada por baías menores onde são localizados banheiros, escadas e outros espaços menores, tornando difícil a crença de que existe uma lógica por trás de tanta aparente variação.

Por outro lado cabe chamar a atenção para o fato de que este módulo médio de 3,5 x 3 metros predomina também nas construções residências da cidade formal, o que só reforça a lógica econômico-estrutural por trás desta lógica.

O que se percebe visualmente é a predominância do tijolo cerâmico furado exposto, formando paredes que via de regra seguem o grid estrutural apesar de não suportarem carga. Na verdade, embora as paredes não estejam propriamente servindo de suporte estrutural, elas são construídas antes das vigas superiores (diferentemente da construção formal), e servem de suporte para a fundição destas por cima da última fiada. Tal prática trás um pequeno benefício econômico (uma face da forma não é usada) mas causa dois problemas maiores: a falta de flexibilidade especial uma vez que as paredes não necessariamente precisam seguir as vigas e o uso de janelas de dimensões

reduzidas que também não explora a independência estrutural que permitiria aberturas muito maiores.

Trata-se de uma popularização do sistema Dom-ino criado por Le Corbusier nas primeiras décadas do século passado e que no curso desses 100 anos tornou-se base especial da grande maioria dos espaços, formais ou não, em todo o mundo em desenvolvimento.

A pergunta que segue é como o esquema de Dom-ino tornou-se tão hegemônico no Brasil e na maioria do mundo em desenvolvimento? É certo que o concreto armado transformou a indústria da construção no Brasil depois de sua introdução em finais do século XIX mas só logrou esta hegemonia com a disseminação do movimento moderno, tornando-se uma solução vernacular. Enquanto a maioria das casas construídas antes dos anos 50 usava paredes portantes suportando telhados estruturados em Madeira, a disseminação da laje impermeabilizada sobre estrutura independente predomina na segunda metade do século passado (LARA, 2002). Inicialmente uma proposta de elite, o vocabulário moderno (primeiro) e a espacialidade moderna (depois) contaminou eventualmente todos os estratos sociais e se tornando-se a lógica por detrás até dos espaços ditos informais.

Um das características mais singulares do ambiente construído no Brasil contemporâneo diz respeito à prevalência de modernismo de uma maneira ou de outra. O país cresceu muito rapidamente e urbanizou-se mais rápido ainda entre os anos 30 e os anos 80, justamente os anos de hegemonia da arquitetura moderna. Em números de brutos, o Brasil tinha algo perto de 2 milhões de domicílios urbanos em 1940, o ano que tomamos como início da hegemonia modernista com o projeto de Oscar Niemeyer para o Grande Hotel de Ouro Preto.. Em 2005, o IBGE calcula algo perto de 40 milhões de domicílios urbanos. O fato é que é difícil imaginar uma construção urbana no Brasil desde os anos 50 que não use tecnologia moderna (estrutura independente em

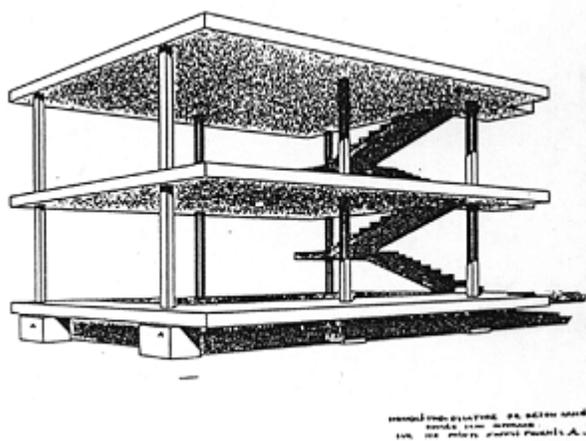


Fig 2. Dom-ino, Le Corbusier

concreto armado) ou não tenha sido influenciado pela espacialidade moderna. Então 95% de nosso ambiente construído é de certa maneira moderno.

Mas a historiografia da arquitetura moderna brasileira esta apenas começando a estudar edifícios não projetados por arquitetos. Enquanto sociólogos, antropólogos, economistas, demógrafos e principalmente urbanistas dissecam as estruturas sociais e econômicas da favela, os arquitetos propriamente ditos tendem a ignorá-la ou a tentaram “resolver” as questões com soluções formais estranhas aos seus habitantes. Exceções são o trabalho de João Filgueiras Lima com elementos de pré-fabricação ou os estudos de Paola Berenstein (2003) sobre a estética das favelas.

Pesquisas recentes por Arruda (2003), Nery (2003) e Tinem (2006), além de minha própria pesquisa (LARA, 2001, 2006) tem tentado documentar e analisar esta maioria do ambiente construído não projetado por arquitetos. Em todo caso, o estudo desta arquitetura não recebeu ainda a atenção que merece. Um das perguntas que nos incitam a continuar estudando este modernismo vernacular diz respeito à disseminação do vocabulário arquitetônico.

Se nos perguntarmos como o sistema Dom-ino se tornou a lógica espacial prevalecente nos bairros informais brasileiros e da maioria do mundo em desenvolvimento, deveríamos tentar localizar o caminho desta disseminação. Apesar de parecer uma tarefa impossível, acredito haver muito conhecimento a ser extraído e sistematizado no estudo das contaminações arquitetônicas.

A disseminação do vocabulário modernista sem arquitetos

Em pesquisas anteriores abordei a questão da disseminação do vocabulário moderno nos Brasil dos anos 50. Os telhados borboleta e lajes inclinadas suportadas por colunas de metal e fazendo a composição com brises e outros elementos sombreadores se espalharam por grande parte do país e penetraram em estratos sociais onde o trabalho dos arquitetos não chegava. A repetição insistente destes elementos foi o que primeiro chamou minha atenção para o fato de que no Brasil o modernismo teve uma escala de aceitação ímpar.

Enquanto o discurso pós-moderno dos anos 80 insistia na idéia de que o modernismo não foi popular por um erro de origem, o caso brasileiro vem contrapor esta afirmação ao mostrar que o moderno pode, sim, tornar-se cair no gosto da maioria da população.

Usados para indicar uma modernidade muitas vezes deficiente em outros aspectos, esta apropriação popular do modernismo alcançou no Brasil dos anos 50 o status de objeto de desejo. (LARA, 2006).

Da elite ao popular: o caminho da disseminação

Embora os edifícios modernos projetados por arquitetos famosos usassem grandes painéis de vidro, as janelas são quase sempre pequenas nas residências de classe média e continua diminuindo a medida que descemos no estrato social. A proximidade com os vizinhos (lotes estreitos) e uma atitude mais conservadora com relação a dinâmica familiar explica um pouco desta dinâmica mas a grande diferença se faz no custo de cada uma das soluções. Nos bairros mais abastados percebe-se ainda uma atenção compositiva mesmo na ausência de arquitetos, presente por exemplo na articulação entre telhado, platibanda e marquise. Os telhados planos são quase sempre acompanhados de uma marquise inclinada e vice versa, marquises planas acompanhando planos de fachada inclinados. Este nível de inventividade compositiva sempre me intrigou a investigar a disseminação dos elementos arquitetônicos.

No entanto, quando voltamos os olhos para os edifícios humildes das favelas, o caráter precário e pragmático das construções acaba por se sobrepor a qualquer intenção formal no caso das fachadas, ficando a personificação do espaço restrita aos ambientes internos. Mas mesmo restritos por uma restrição brutal de ordem econômica, é possível reconhecer nas edificações ditas informais diversos traços, ainda que sutis, da disseminação de elementos da arquitetura dita oficial. Uma pequena marquise cobrindo da chuva o visitante à porta, um guarda-corpo diferenciado ou uma solução de telhado metálico com uma tesoura mais elaborada são indícios de que o processo de difusão do conhecimento arquitetônico continua funcionando mesmo quando tudo parece ser puramente pragmático e econômico.

E não podia ser diferente uma vez que somos, todos os profissionais envolvidos na construção civil, os melhores e mais eficientes vetores desta contaminação.

Conclusão: As trocas entre o formal e o informal

A disseminação do conhecimento arquitetônico é a idéia chave por trás das lógicas que regem as arquiteturas ditas formais e informais. No caso deste artigo, cabe concluir analisando as trocas lentas e pequenas mas constantes que ocorrem diariamente entre os profissionais da construção civil, operários e o público em geral.

Por exemplo, cabe perguntar como um esquema provocativo e abstrato como o Domínio de Le Corbusier se transformou em configuração básica de espaço de comunidades de baixa-renda pelo mundo a fora? Seguramente está devido à simplicidade do esquema e os modos em qual reforço concreto ficou disponível amplamente e facilmente.

Quando em 1999 eu entrevistei 21 idosos que tinham construído suas casas usando elementos modernistas nos anos 50, eu fui surpreendido pela variedade de caminhos pelos quais passou a informação arquitetônica. Se antes eu tinha montado a hipótese de que revistas e jornais seriam o vetor principal de disseminação do conhecimento arquitetônico, as entrevistas me revelaram outros caminho completamente diferentes. Nas conversas, ficou patente que pessoas carregam informações muito melhor que qualquer mídia. Os responsáveis pelo uso de um brise-soleil ou uma marquise eram freqüentemente um parente ou um amigo que teve contato com a arquitetura moderna em seu trabalho ou através de terceiros. E os donos de



Fig 3. Residência de classe alta construída com exatamente a mesma tecnologia

casa lembravam disto quase 50 anos depois.

No caso das construções ditas informais, a informação é levada pelos próprios operários da construção civil que aos poucos levaram o esquema Dom-ino dos desenhos de arquiteto até suas casas humildes na favela ou na periferia. Uma vez que Warchavchick e outros pioneiros da arquitetura moderna começaram a construir residências com concreto armado na terceira década do século passado, a técnica foi gradativamente sendo absorvida por todos os trabalhadores envolvidos no processo. Hoje, todo e qualquer trabalhador da construção civil no Brasil, não importa o quão inexperiente e mal-qualificado, sabe construir uma forma de madeira, dobrar os vergalhões, misturar, derramar, vibrar e desenformar o concreto. E quando constroem suas próprias casas bem como as de seus familiares e vizinhos, esses homens (muito poucas mulheres trabalham na construção civil no Brasil até hoje) usam de forma simplificada e adaptada as mesmas técnicas que usam construindo edifícios da elite.

Não é por mera coincidência que no Brasil as residências da elite e os barracos de favela se pareçam tanto antes que seja aplicado o revestimento externo nas edificações que dispõem de recurso para tanto. Se existe uma lógica formal por detrás dos espaços brasileiros ela é comum a todos os estratos sociais, seja revestida com materiais nobres ou permanentemente inacabada com seus tijolos vermelhos emoldurados por fitas cinzas do concreto armado. Lê Corbusier provavelmente aspirava a tanto, mas não teve a chance de ver seu Dom-ino disseminado e distorcido a ponto de se tornar a estrutura formal da imensa maioria dos espaços informais se espalham de São Paulo a Bombay passando pelo milhares de outras cidades tão diversas e ao mesmo tempo tão semelhantes. Entender esta lógica implica entender e trazer para o campo de estudo da arquitetura 95% dos espaços construídos que tem sido até agora muito pouco estudados.

E se quisermos realmente ter alguma contribuição para a melhoria destes espaços e conseqüentemente da qualidade de vida da maioria da população que os ergue e os habita, cabe, ao menos, conhecê-los melhor.

Referências bibliográficas:

- ARNHEIM, Rudolf , *The Dynamics of Architectural Form*, Berkeley: U California Press, 1968.
- ARRUDA, Ângelo, A popularização dos elementos de arquitetura da casa moderna em Campo Grande. In: V Seminário DOCOMOMO, São Carlos: Anais em CD-Rom, 2003.
- BARROS, Ricardo et alli, *A estabilidade inaceitável, desigualdade e pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: IPEA, texto para discussão # 800, 2001.
- BERESTEIN JACQUES, Paola, *Esthétique des favelas*. Paris: L'Harmattan, 2003.
- CONRADS, Ulrich, (editor), *Programs and Manifestoes on 20th-century Architecture*, Cambridge: MIT Press, 1971.
- CORBUSIER, L. *Towards a New Architecture*, New York: Dover Pub., 1986.
- DEVLIN, Kimberly & NASAR, Jack "The beauty and the beast: some preliminary comparisons of "high" versus "popular" residential architecture and public versus architects judgment of same", *Journal of Environmental Psychology* vol. 9, London: Academic Press, p.333-344, 1989.
- FRAMPTON, Kenneth, *Modern Architecture: A Critical History*, New York: Oxford U Press, 1992.
- GARCIA-CANCLINI, Nestor, *Hybrid Cultures: Strategies for Entering and Leaving Modernity*, Minneapolis: U of Minnesota Press, 1985.
- GUIMARAES, Dinah & CAVALCANTI, Lauro, *Arquitetura Kitsch, suburbana e rural*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- HILLIER, Bill, *The social logic of Space*, Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- KING, Anthony "Vernacular, Transitional, Post-Colonial" *Casabella* 60, pp.63-71, 1996.
- LARA, Fernando. "Design dissemination: evidence from 1950s Brazil", *The Journal of Architecture*, vol. 11, n. 2, pp. 241-255, 2006.
- LARA, Fernando. "Brazilian Popular Modernism: analyzing the dissemination of architectural vocabulary", *Journal of Architectural and Planning Research*, 23:2, summer 2006, pp. 91-112.
- LARA, Fernando, "Designed Memories, the roots of Brazilian modernism", in *Memory and Architecture*, edited by Eleni Bastea, Albuquerque: U of New Mexico Press, 2004, pp.79-98.
- LARA, Fernando "One Step Back, Two Steps Forward: The Maneuvering of Brazilian Avant-Garde". *Journal of Architectural Education*, v. 55/4, 2002, p. 211-219.
- LOUREIRO, Claudia e AMORIN, Luiz. Uma figueira pode dar rosas, disponível em Vitruvius, Portal de Arquitetura, <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp053.asp>, acessado em 04 de maio de 2007.
- NERY, Juliana, Registros: as residências modernistas em Aracaju nas décadas de 50 e 60. In: V Seminário DOCOMOMO Brasil, São Carlos: Anais em CD-Rom, 2003.
- ORTIZ, Renato, *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*, São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ORTIZ, Renato, *A Moderna Tradição Brasileira*, Sao Paulo: Brasiliense, 1988.
- PEVSNER, Nikolaus (1961) "Modern Architecture and the historian, or the return of historicism", *Journal of the Royal Institute of British Architects*, p.230-240.
- REIS FILHO, Nestor Goulard (1978) *Quadro da Arquitetura no Brasil*, Sao Paulo: Perspectiva, 211pp.

SANTOS, Carlos N. F. Volviendo a pensar en "favelas" a causa de las periferias. Nueva Sociedad, San Jose de Costa Rica, n.30, p.22-28, mayo/jun. 1977.

SEGAWA, Hugo, (1994) "The essentials of Brazilian Modernism", Design Book Review 32/33, p. 64-68.

VENTURI, Robert (1966) Complexity and Contradiction, New York: MoMA.

VERNEZ MOUDON, A. (1986) Built for Change, Cambridge: MIT Press.